

Concepções de professores do ensino superior sobre surdocegueira: estudo exploratório com quatro docentes

Elcie F. Salzano Masini
Célia Maria Teodoro
Lucélia F. F. Noronha
Rosana B. Ferraz

Resumo

Investigação realizada em uma das disciplinas do Programa de Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo. São apresentadas definições, tipos de surdocegueira, características das pessoas com essa deficiência, um breve delineamento histórico do atendimento ao surdocego no exterior e no Brasil e quadro etiológico. Para alcançar o objetivo de identificar o que alguns professores dos cursos de Psicologia e de Pedagogia de uma universidade particular na cidade de São Paulo sabem sobre surdocegueira foram realizadas entrevistas semi-estruturadas. A análise dos dados evidenciou o desconhecimento sobre surdocegueira e sobre o significado dessa deficiência, bem como sobre a literatura específica e, como consequência, a ausência de informações a esse respeito aos alunos dos cursos de Pedagogia e Psicologia.

Palavras-chave: surdocegueira; concepções de docentes; informações a alunos

Abstract

Conceptions of university teachers about deafblindness – exploratory study with four teachers

This investigation happened during studies in the Master Program Distúrbios do Desenvolvimento at Universidade Presbiteriana Mackenzie, in São Paulo. Definitions, types, features of deafblindness and a brief history of deafblindness in and outside Brazil and etiological table are presented. The goal to identify what some teachers of Psychology and Pedagogy courses at a private university, in São Paulo city, know about deafblindness was approached by semi-structured interview. The analyses of data made clear how little they knew about deafblindness, about the meaning of this deficiency, and about the literature specific to this subject and, consequently, their lack of information about it for use in Psychology and Pedagogy courses.

Keywords: deafblindness; conceptions of teachers; students information.

Introdução

A surdocegueira é uma deficiência pouco conhecida. As primeiras referências a esse respeito reportam-se à década de 80 do século 19, nos Estados Unidos, tornando-se mais reconhecida a partir de 1887, com a educação da surdocega Hellen Keller pela professora Anne Sullivan (cf. Amaral, 2002, p. 121).

Helen Keller nasceu em Tuscumbia, norte do Alabama (EUA), em 1880. Foi a primeira surdocega que adquiriu reconhecimento internacional em razão de suas conquistas. Nasceu normal, mas, quando tinha um ano e meio, uma enfermidade com febre alta deixou-a totalmente cega e surda. Viveu até sete anos com a família no campo, em total liberdade, sem uma educação formal. Foi educada, a partir de 1887, por Anne Sullivan, professora que a ensinou a comunicar-se por meio do alfabeto manual. Estudou depois na Perkins School for the Blind e mais tarde aprendeu a falar (comunicação oral). Coursou ensino superior, graduando-se com louvor na Universidade de Harvard. Trabalhou algum tempo na Unesco, foi poetisa e escritora. Batalhou incansavelmente a favor do surdocego, viajando em inúmeros países e recebendo as mais altas condecorações. Morreu em 1968, nos Estados Unidos. Helen Keller superou barreiras com sabedoria, coragem e determinação.

Visitou o Brasil em 1953, realizando conferências em escolas. Sensibilizada com as possibilidades de uma pessoa surdocega, a professora Nice Tonhosi Saraiva foi buscar formação na Perkins School for the Blind, e, quando retornou ao Brasil, deu início ao atendimento de pessoas surdocegas (Barros Silva, 2002). Apesar da educação do surdocego no Brasil ter iniciado na década de 60, ainda hoje esta é uma deficiência

pouco conhecida até mesmo nos meios acadêmicos. Isso ocorre não obstante o atendimento realizado por Instituições especializadas (Masini, 2005), pesquisas realizadas em São Paulo (Maia, 2004) e em cidades do Estado de São Paulo (Cader-Nascimento, Costa, 2003; Arias, 2004) e livros redigidos por profissionais da área (Masini, 2002; Cader-Nascimento, Costa, 2005).

Com o intuito de conhecer o que professores universitários sabem sobre surdocegueira, foi proposto o estudo exploratório apresentado nesta comunicação, que está assim composta: definições de surdocegueira, tipos de surdocegueira, características das pessoas com essa deficiência, um breve delineamento histórico do atendimento ao surdocego no exterior e no Brasil, um quadro etiológico dessa deficiência e a investigação. A coleta de dados e a análise tiveram como diretrizes os seguintes objetivos:

- saber a concepção de surdocegueira de docentes dos cursos de Pedagogia e Psicologia;
- identificar o que sabem sobre surdocegueira.

1 Fundamentação teórica

A surdocegueira é uma deficiência na qual a pessoa não conta com ambos os sentidos, o da visão e o da audição; é uma deficiência única e não a somatória da surdez com a cegueira. O surdocego se constitui como pessoa sem esses dois sentidos de distância e está no mundo de forma diferente daqueles que dispõem da visão e audição, ou de apenas um desses sentidos.

A definição da surdocegueira como deficiência única, e não como a somatória da deficiência visual e da auditiva, tem sido debatida no mundo inteiro por alguns autores: Mccinnes e Treffy (1995), Amaral (1995), Miles e Riggio (1999), Masini (2002), além do MEC (2003).

No Brasil tem sido aceita e difundida a seguinte definição:

Surdocegueira é uma deficiência singular que apresenta perdas auditivas e visuais concomitantemente em diferentes graus, levando a pessoa surdocega a desenvolver diferentes formas de comunicação para entender, interagir com as pessoas e o meio ambiente, proporcionando-lhe o acesso à informação, uma vida social com qualidade, orientação, mobilidade, educação e trabalho (Grupo Brasil, 2003).

No Reino Unido, as pessoas consideradas surdocegas apresentam um grau de perda auditiva e visual combinada, produzindo problemas de comunicação, acesso às informações e de mobilidade (Deafblind International – Liasison DbI-Liaison GROUP, 2002).

Na Colômbia, a surdocegueira é considerada uma disfunção múltipla que implica uma limitação nos sentidos: visão e audição, na qual a pessoa requer apoios especializados com o uso de técnicas de comunicação adaptadas para ter acesso a informação e a educação da vida diária (Serpa, 2003).

Surdocegueira não significa a soma total da perda da visão mais a perda da audição. A combinação dessa perda sensorial, independente do grau ou de sua combinação com outras perdas adicionais,

cria desafios extremamente únicos. A visão e a audição inter-relacionam-se para conectar as pessoas ao mundo e são os canais primários pelos quais a maioria das pessoas aprendem. A visão e a audição atuam como motivadores principais da interação social (McLetchie, Riggio, 2002, p. 146).

Nos Estados Unidos, segundo lei federal, a surdocegueira é a perda concomitante da visão e audição, cuja combinação implica a aparição de problemas únicos de comunicação e outras necessidades. Considerar surdocegueira uma deficiência única e não a somatória de duas deficiências levou à mudança na redação da denominação utilizada, abolindo-se o hífen de surdo-cego e surdo-cegueira e passando-se a escrever surdocego e surdocegueira.

Segundo Maia (2004), a aceitação dos termos surdocego e surdocegueira, sem hífen, foi proposta em 1991 por Salvatore Lagati, que defendeu na IX Conferência Mundial de Orebro (Suécia) a necessidade do reconhecimento da surdocegueira como uma deficiência única.

A terminologia surdocego sem hífen se deve à condição de que ser surdocego não é simplesmente a somatória da deficiência visual e da deficiência auditiva e sim de uma condição única que leva a pessoa a ter necessidades específicas para desenvolver comunicação, orientação e mobilidade e de acessar informações sobre o mundo para conquistar a autonomia pessoal e inserir-se no mundo (Lagati, 1995, p. 306).

De acordo com Cormedi (2005), ainda não foi definida a forma correta da concordância nominal da expressão pessoa (ou criança) surdocega ou surdocego. Atualmente são aceitas ambas as formas de expressão. Na ausência dessa definição, será adotada neste artigo o termo surdocega.

As pessoas com surdocegueira podem ser totalmente surdas e totalmente cegas ou apresentar resíduos visuais ou auditivos. De acordo com Masini (2002 p. 18), "dispor de todos os órgãos do sentido é diferente de contar com a ausência de um deles: muda o modo próprio de estar no mundo e de relacionar-se".

Cada pessoa com surdocegueira deve ser considerada pelo conjunto de suas características próprias de ser único e não vista apenas sob as características de uma pessoa com deficiência visual e também deficiência auditiva.

Assim, para entender o que significa surdocegueira, é preciso que a pessoa esteja ciente dos efeitos da combinação dessas duas deficiências sensoriais sobre o desenvolvimento humano e dos efeitos ímpares que provoca individualmente em cada criança (Amaral, I., 2002, p. 122).

A surdocegueira pode ser classificada quanto ao tempo de sua aquisição como surdocegueira pré-lingüística e surdocegueira pós-lingüística.

Na pré-lingüística, a pessoa nasce surdocega ou adquire a deficiência antes da aquisição da linguagem; nesse caso há pouca discriminação entre ela e o ambiente, e ela utiliza como pontos de contato o olfato seguido do contato corporal. Segundo Bove (2000), a pessoa surdocega tem no olfato sua melhor informação e no movimento corporal, seu maior

interesse, o que pode ser percebido no relato de uma surdocega: "Durante mais de trinta anos vivi no silêncio e na escuridão, guiada pelo olfato. Através dele eu controlava os horários de levantar, de refeição, de deitar. Sabia se chovia, distinguia as pessoas, percebia perigos." (Silva, 2002, p. 43).

A pessoa com surdocegueira pós-lingüística, isto é, adquirida após a aquisição da linguagem, apresenta dificuldades na comunicação diferentes das apresentadas por uma pessoa com surdocegueira pré-lingüística, pois engloba aceitação emocional envolvida pela perda daquilo que teve algum dia. Passa a enfrentar situações não experimentadas anteriormente, como os limites e a dependência de recursos para estudar, trabalhar e principalmente para conviver socialmente.

Segundo Masini (2003), as experiências vivenciadas no mundo pela pessoa com deficiência através das estruturas perceptivas e cognitivas que possui tornam-se únicas. As pessoas que nascem surdocegas ou se tornam surdocegas percebem o mundo de maneira diversa daquelas que têm o sentido da visão e da audição.

As descrições de Hellen Keller, com surdocegueira adquirida aos 18 meses, ilustram suas experiências perceptivas e as informações subtraídas dessas experiências.

Distraía-me seguindo as cercas de bucho com as mãos, para colher os primeiros lírios e violetas desabrochadas que eu descobria apenas com o olfato [...] de repente, meus dedos encontravam uma planta que eu reconhecia pelas folhas e flores ... percebia quando mamãe e tia iam sair, pegando nos seus vestidos [...]. [...] pela vibração da pancada da porta fechando, e por outras vibrações indeterminadas, percebia que chegara visita (Keller, 1939, p. 14).

Uma pessoa que venha a ter perda ou recuperação de um ou mais sentidos irá passar por uma reestruturação na utilização dos outros sentidos e do próprio organismo à nova situação que se apresenta em sua vida. Uma pessoa surdocega descreve sua sensação após perder o olfato e o paladar: "Não era fácil conviver com a dupla deficiência e agora convivo com quatro. No primeiro momento me senti desesperada e chorava muito. Estava mais isolada do que nunca no mundo." (Silva, 2002, p. 43).

As pessoas com surdocegueira apresentam dificuldades que podem ser minimizadas, como as de comunicação, de acesso à informação, de orientação e de interação com o mundo. Para comunicar-se com uma pessoa com essa deficiência podem ser utilizadas diferentes maneiras, dependendo de suas potencialidades, isto é, dos resíduos visuais ou auditivos que possui e de quando adquiriu a surdocegueira. Erikson (2002) relata que a pessoa com surdocegueira pode comunicar-se através da língua de sinais visual ou tátil (conversação de sinais através do toque); tadoma (compreensão das palavras pela percepção da vibração da voz através de toque próximo dos lábios ou das cordas vocais); alfabeto manual digital (desenho das letras do alfabeto na palma da mão). É fundamentalmente importante que o professor de uma criança surdocega tenha conhecimento e pratique o uso de ampla variedade de sistemas de comunicação com e sem apoio, além da palavra e Língua de Sinais (cf. Amaral, I., 2002).

Moura (2000, p. 19) explicita que os sinais diferem da Língua de Sinais, como pode ser lido a seguir:

[...] o que eu tanto desejava, a oralidade, não acontecia sempre. Com o tempo fui percebendo que os Sinais estavam auxiliando estas crianças a se tornarem seres de linguagem, que estes Sinais, apesar de serem usados por mim e pela família na ordem do Português, eram rapidamente transformados por eles em Língua de Sinais.

O acesso da pessoa com surdocegueira adquirida a diferentes formas de comunicação e interação com objetos, ambientes e pessoas possibilitam a sua inserção no meio em que vive e sua participação como sujeito ativo.

Segundo Masini (2002), é necessário que os educadores (pais e professores) incentivem a criança a explorar o meio em que vive e comunicar-se com as pessoas, através dos sentidos e dos recursos de que dispõe.

Os depoimentos de pessoas surdocegas evidenciam a importância das mãos em suas comunicações.

Existe outro detalhe curioso com relação à minha comunicação: sinto muitas vezes necessidade de segurar os rostos das pessoas, maneira que me faz sentir que estão conversando comigo e também para sentir como são aquelas pessoas. Minhas mãos são os meus olhos (Silva, 2002, p. 41).

Amaral, J. P. (2002, p. 37), poeticamente, reitera Silva e assinala a importância do sentido do tato.

Na ausência dos sons
Na indefinição da visão
Há um mundo que desperta
Na minha palma da mão.
Um mundo de palavras
Cheias de Cor;
Cada toque na mão
É uma dádiva de amor.
O amor entre dois Seres
Que se completam;
E dão razão
À palavra AMOR.

1.1 Breve delineamento histórico da educação do surdocego

A história da educação do surdocego, conforme Camacho (2002), teve início com Victoria Morriseau (1789-1832), primeira pessoa surdocega de que se tem dados sobre atenção educativa em uma instituição de surdos, no final dos anos de 1700 na França.

A surdocegueira obteve maior reconhecimento a partir de 1887, com a educação da surdocega Helen Keller pela professora Anne Sullivan. Nos EUA, houve um impulso na educação de pessoas surdocegas após uma epidemia de rubéola nos anos 60, quando 5 mil crianças nasceram com surdocegueira (Munroe, 2004).

No Brasil, a educação de pessoas surdocegas teve início, também na década de 60, a partir da iniciativa da professora Nice Tonhosi Saraiva de buscar formação na Perkins School for the Blind, onde estudou Hellen Keller. Em 1968, em São Caetano do Sul, as professoras Nice e Neusa Basseto fundaram a primeira escola destinada à essa população, com o nome de Erdav – Escola Residencial para o Deficiente Áudio Visual (Maia, 2004). Desta escola saíram profissionais que difundiram a educação do surdocego no Brasil e desencadearam a instalação e o funcionamento de outras instituições com o objetivo de educar o surdocego.

Em universidades, o estudo sobre surdocegueira é quase inexistente, tendo sido defendidas no Estado de São Paulo, até o ano de 2006, em universidades públicas, uma dissertação de mestrado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e outra dissertação de mestrado e uma tese de doutorado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Em universidades particulares, uma dissertação de mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e outras seis na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Cader-Nascimento e Costa (2003) investigaram a perspectiva sobre surdocegueira de alunos da Universidade Federal de São Carlos – 21 alunos de pós-graduação em Educação Especial e 40 alunos do curso de Psicologia. Os dados foram coletados por meio de um questionário formal, de aplicação coletiva, com questões abertas e fechadas, de múltipla escolha, composto de dados de identificação dos participantes; fontes de informações sobre surdocegueira (pessoal, leituras, filmes); e aspectos gerais da surdocegueira (conceitos, comportamentos, modalidades de atendimento).

A análise dos dados consistiu na sistematização das informações referentes ao perfil dos participantes; à fonte de informação sobre surdocegueira; aos conceitos já elaborados pelos participantes sobre aspectos pertinentes à área. Com relação ao acesso às informações e estabelecimento de contatos profissionais ou pessoais com pessoas surdocegas, a pesquisa mostrou que, dos 61 alunos, apenas cinco, sendo quatro da pós-graduação, já haviam prestado algum atendimento a crianças surdocegas; 55 alunos não conheciam nenhum caso; apenas 10 alunos, sendo cinco da graduação, já haviam lido algum material sobre o tema em revista especializada; seis alunos haviam assistido a filmes cujo protagonista era surdocego (*O milagre de Anne Sullivan* e *Os transformadores*).

Os dados obtidos apontaram o predomínio do senso comum na definição de surdocegueira, uma vez que, do total de 61 participantes, 45 destacaram o aspecto da limitação auditiva associada à visual. Não foram mencionados os efeitos negativo e multiplicativo da surdocegueira no desenvolvimento da comunicação, orientação e mobilidade e na recepção da informação. As pesquisadoras inferiram que a definição abordada por 75% dos participantes restringiu-se a uma simples adição de comprometimentos, sem referência aos graus que envolvem as perdas e sem considerar a adequação dos recursos educacionais necessários à otimização das potencialidades. Apontaram essa imprecisão na abordagem do tema como evidência da dificuldade de definir o que vem a ser surdocegueira. Essa questão conceitual, segundo as autoras, é ainda mais preocupante,

considerando que, ao descreverem os comportamentos, os participantes enfatizaram apenas aspectos vinculados ao deficiente e não à relação deste com o social, o que evidencia dificuldade de disseminação e de acesso ao conhecimento no meio acadêmico.

A primeira universidade, no Brasil, a promover a formação de educadores de pessoas com deficiências sensoriais e múltiplas, em cursos de especialização, desde 2000 (em convênio com o Programa Hilton/Perkins, para a educação de surdocegos e múltiplos), e oferecer disciplina em programa de mestrado nessa área foi a Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo (Masini, 2002).

Como os dados evidenciam, a área de estudos da surdocegueira é ainda incipiente. As experiências de profissionais em instituições especializadas e as pesquisas realizadas mostram que, apesar das dificuldades encontradas pelas pessoas com essa deficiência, existem possibilidades educacionais para os que têm surdocegueira, e essas devem ser equacionadas para seu melhor desenvolvimento e qualidade de vida. Assim sendo, a divulgação de dados a respeito e a disseminação de conhecimentos sobre surdocegueira impõem-se.

1.2 Etiologia da surdocegueira

São inúmeras as causas da surdocegueira, podendo ser pós, pré ou neonatal. Segundo Maia (2004), as causas da surdocegueira estão vinculadas às anomalias de desenvolvimento, à infecção transplacentária, às infecções neonatais, aos erros inatos do metabolismo, aos transtornos e síndromes (Quadro 1). No Brasil, 60% das pessoas que adquiriram a surdocegueira tiveram-na causada por rubéola congênita, o que poderia ser evitado com a simples vacinação da população feminina.

Quadro 1 – Causas e fatores desencadeantes da surdocegueira

Pré-natais	Perinatais	Pós-natais
Rubéola		Meningite
Citomegalovírus	Prematuridade	Medicação Ototóxica
AIDS	Falta de oxigênio	Otite Média Crônica
Herpes	Medicação Ototóxica	Sarampo
Toxoplasmose	Icterícia	Caxumba
Sífilis Congênita		Diabetes
Fator Rh		Asfixia
Anomalias Congênitas Múltiplas		
Associação Charge		Acidentes
Abuso das drogas mãe		Encefalite
Síndrome do Alcoolismo Fetal		AVC
Hidrocefalia		Consangüinidade
Microcefalia		
Síndromes		

Fonte: Folheto *Grupo Brasil* – 2001

Disseminar o conhecimento sobre surdocegueira e sua etiologia poderá contribuir para que se propicie condições educacionais apropriadas para o desenvolvimento e qualidade de vida aos surdocegos, como, também, para um trabalho de prevenção de ocorrência da surdocegueira desencadeada por fatores pré-natais, perinatais e pós-natais.

2 Metodologia

Para atender aos objetivos deste estudo exploratório sobre a concepção de surdocegueira entre docentes do ensino superior, optou-se pela abordagem qualitativa.

As entrevistadas foram quatro professoras do ensino superior, duas do curso de Psicologia e duas do curso de Pedagogia de uma universidade particular da cidade de São Paulo. Optou-se por esses cursos considerando que os pedagogos e os psicólogos são os profissionais que predominam entre aqueles que ministram aulas em cursos de graduação, especialização, habilitações e pós-graduação sobre pessoas com deficiências ou com necessidades educacionais especiais.

As professoras foram consultadas se aceitariam participar de um estudo exploratório referente a deficiências, respondendo a algumas questões. O critério de inclusão das participantes foi a disponibilidade e interesse em colaborar para os estudos sobre a área das deficiências. Foi comunicado que as informações dessa investigação seriam coletadas com finalidades acadêmicas de sistematização de dados e ampliação de conhecimentos sobre a área das deficiências e que a identificação da pessoa entrevistada não seria revelada nem aos demais participantes desse estudo. Para preservar a identidade das pessoas entrevistadas, foram-lhes atribuídos os seguintes nomes fictícios, já no registro dos dados: Rita, Paula, Carla e Maria.

As entrevistas foram realizadas em locais indicados pelas professoras, de acordo com a sistemática de trabalho de cada uma na universidade, e ocorreram a partir de um questionário composto de três perguntas de respostas fechadas e cinco de respostas abertas, gravadas e transcritas para manter confiabilidade às declarações prestadas. Optou-se pela entrevista por ser esta um dos instrumentos básicos para a coleta de dados da pesquisa qualitativa, pois permite captar a informação imediata, esclarecer e adaptar questões, quando necessário (cf. Ludke e André, 1986).

A análise dos dados foi realizada em duas etapas: a primeira referente ao Levantamento dos elementos essenciais das respostas; a segunda, à Reflexão sobre os dados levantados.

2.1 Levantamento dos elementos essenciais das respostas

Das respostas às oito perguntas foram delineadas as concepções das professoras. As três perguntas de respostas fechadas referiam-se a ter ouvido falar de Helen Keller (Anexo, Quadro 2), de Anne Sullivan (Anexo, Quadro 5), de surdocegueira (Anexo, Quadro 7) e foram organizadas em

categorias sim ou não. As quatro perguntas abertas foram organizadas segundo categorias elaboradas a partir da leitura dos dados obtidos e referiram-se ao que conheciam sobre Helen Keller (Anexo, Quadros 3 e 4), Anne Sullivan (Anexo, Quadro 6), surdocegueira (Anexo, Quadro 8) e a maneira como a pessoa surdocega se relaciona com o mundo ao seu redor (Anexo, Quadro 9).

Duas professoras responderam ter ouvido falar sobre Helen Keller, e duas responderam negativamente. Três professoras responderam ter ouvido falar de Anne Sullivan, e uma não. Duas professoras responderam ter ouvido falar sobre surdocegueira, e duas não.

À pergunta sobre o que havia ouvido falar sobre Hellen Keller, Carla informou que era muda, surda e cega, manifestando não estar segura a esse respeito, e Rita declarou que Hellen Keller tinha sido enfermeira, complementando que talvez tenha trabalhado com a definição de alguma doença. Duas professoras responderam não ter ouvido falar de Hellen Keller: Paula, justificando não ser aquela a sua área, sugeriu tratar-se de uma prisioneira judia teórica da psicologia, porém não conhecia a teoria dela; Maria declarou que não era a sua área.

À pergunta sobre a característica mais marcante de Hellen Keller, Carla reiterou o que havia dito anteriormente, que era ter três dificuldades, mas sem saber quais. Maria, ao contrário das duas primeiras respostas, informou que não tinha certeza, mas parecia ser não enxergar, não ouvir e não falar, mas que, apesar disso, podia desenvolver a inteligência e ser capaz de expressar-se. Rita e Paula declararam não saber.

Sobre o que haviam ouvido falar de Anne Sullivan, Rita disse ser um nome familiar, mas não sabia quem era, Paula disse ter ouvido falar, mas não era o domínio dela, e Maria lembrou-se pelo filme que havia assistido – que era educadora e que havia ajudado uma criança a superar sua dificuldade. Carla reiterou seu desconhecimento.

À pergunta sobre o que haviam ouvido falar sobre surdocegueira, Rita declarou não ser especialista na área, antes de afirmar que era um distúrbio do desenvolvimento, uma deficiência auditiva e uma visual. Paula disse que era ser surdo e ser cego, que devia ser alguma síndrome, mas não era a área dela, pois não lidava com distúrbios. Duas professoras responderam negativamente: Carla afirmou que nunca havia ouvido aquele termo e Maria disse que havia ouvido sobre pessoa surda, mas sobre surdocega não, perguntando se era uma pessoa que não ouve e é cega.

À pergunta sobre como a pessoa surdocega se comunica, três professoras fizeram suposições: deve desenvolver outras aptidões e ser apta em outros sentidos; utilizando outros sentidos; tem todo um contato com o outro, pelas mãos dos outros, o tato, o sentido térmico, uma série de possibilidades que tem para se comunicar. Carla não respondeu.

2.2 Reflexão sobre os dados levantados

Esta segunda etapa constituiu uma retomada dos dados analisados à luz da bibliografia referendada.

A análise dos dados das quatro professoras entrevistadas evidenciou que elas não tinham conhecimento sobre surdocegueira; cada uma delas, separadamente, justificou o não-domínio desse conhecimento por não ser da sua área específica. As respostas não se referiram à literatura especializada, como ilustrou a de Maria, cujo conhecimento apresentado estava relacionado com o filme biográfico sobre Helen Keller, sem certezas sobre o que era surdocegueira e sobre a vida da personagem. Isso ficou claro ao definir surdocegueira como característica de uma pessoa que tem deficiência visual e deficiência auditiva, sem explicitar que se trata de deficiência única e não somatória de deficiências, como os estudos da área apontam (Grupo Brasil, 2003; Deafblind International, 2002; Serpa, 2003; McLetchie, Riggio, 2002; Amaral, I., 2002); o mesmo ocorreu com a resposta de Carla. Assim, as professoras mostraram desconhecer a definição de surdocegueira utilizada no Brasil pelo Grupo Brasil e as de especialistas de outros países.

Esta investigação reiterou os dados da pesquisa de Cader-Nascimento e Costa, quando apontaram o predomínio do senso comum na definição de surdocegueira, restrita a uma simples adição de comprometimentos da visão e da audição, a ausência de referência aos graus que envolvem as perdas e, conseqüentemente, sem considerar a adequação dos recursos educacionais necessários à otimização das potencialidades. Da mesma forma, as professoras não fizeram qualquer referência às possíveis variações do grau de deficiência visual e auditiva e os conseqüentes comprometimentos para comunicação e relacionamento no mundo em que se encontra o surdocego.

Três das professoras fizeram referência ao uso de outras formas da pessoa surdocega comunicar-se com o mundo, porém não conseguiram explicitar como isso ocorria, sugerindo que, quando não se dispõe de um dos sentidos, os outros ficam mais aguçados. Não houve comentários nem perguntas sobre as possibilidades e limites que uma pessoa enfrenta nessa situação, da mesma forma que os participantes da pesquisa de Cader-Nascimento e Costa não fizeram menção aos efeitos negativo e multiplicativo da surdocegueira no desenvolvimento da comunicação, orientação e mobilidade e na recepção da informação. A esse respeito cabe lembrar que a pessoa com deficiência sensorial utiliza os sentidos de que dispõe de acordo com sua experiência perceptiva, e, dessa forma, aquela com surdocegueira percebe o que a cerca e ao mesmo tempo sabe de si, enquanto explora o objeto (cf. Masini, 2002). A análise evidenciou ausência de referências ao fato de que o surdocego está no mundo de maneira diferente e que sua comunicação e relações poderão estabelecer-se através dos sentidos tátil, gustativo, olfativo e resíduos visuais e/ou auditivos.

É interessante acentuar a utilização da expressão "linguagem de sinais" feita por Carla. Essa substituição de termos mostrou que a professora desconhecia o significado da denominação Língua de Sinais, sinalização de que esta possui estrutura própria como outras línguas, enquanto que linguagem refere a qualquer forma de comunicação (cf. Moura, 2002). Carla utilizou o termo linguagem referindo-se à Língua de Sinais e evidenciou desconhecimento sobre a possibilidade de esta forma de comunicação ser utilizada pela pessoa surdocega.

Rita e Maria mencionaram a possibilidade da utilização do olfato e do tato pelo surdocego para relacionar-se com o mundo que o cerca, reiterando a literatura específica sobre a surdocegueira (Bove, 2000) e relato de pessoas surdocegas (Silva, 2002, p. 43; Amaral, J. P., 2002, p. 37; Keller, 1939, p. 14).

Considerações finais

Este estudo exploratório, com duas professoras da graduação de Psicologia e duas da graduação de Pedagogia de uma conceituada universidade privada da cidade de São Paulo, evidenciou desconhecimento de que a surdocegueira é uma deficiência única, caracterizada por perdas auditivas e visuais, bem como sobre a forma do surdocego relacionar-se e viver no mundo. Esta constatação sugere que a literatura existente sobre essa deficiência não foi acessada pelas entrevistadas e não é disponibilizada aos alunos nos cursos de formação de profissionais que poderão vir a atuar junto a pessoas com surdocegueira.

Esta investigação complementa, assim, a realizada por Cader-Nascimento e Costa, quando apontam a imprecisão na abordagem do tema, pelos seus participantes, evidenciada pela dificuldade de definir o que vem a ser surdocegueira. Essa questão conceitual, segundo as autoras, é ainda mais preocupante considerando que, ao descreverem os comportamentos, os participantes enfatizaram apenas aspectos vinculados ao deficiente e não à relação deste com o social. Tais dados, frisam as pesquisadoras, evidenciam dificuldades de disseminação e acesso a esse conhecimento específico no meio acadêmico.

A contribuição deste estudo exploratório com docentes do ensino superior é a de ter reiterado dados sobre uma lacuna de conhecimentos nos quadros acadêmicos, sobretudo ante a perspectiva da educação para todos. As entrevistas com apenas quatro docentes resultaram em reduzida coleta e análise de dados, limite que se dilui com a convergência na análise desses dados com os da pesquisa realizada com alunos universitários e a ênfase conclusiva dessas pesquisas: a necessidade de divulgação de informações sobre surdocegueira para profissionais da Educação e da Psicologia. As duas pesquisas ressaltam a necessidade de disseminação de conhecimentos sobre surdocegueira em cursos de graduação ligadas à formação de educadores e de psicólogos.

No entanto, cabe frisar que a afirmação de que professores de Psicologia e de Pedagogia desconhecem o que é surdocegueira demanda, para sua validação, uma pesquisa mais abrangente com um número maior de professores de cada um desses cursos, em outras universidades privadas e públicas.

Referências bibliográficas

AMARAL, I. A educação de estudantes portadores de surdocegueira. In: MASINI, E. F. S. (Org.). *Do Sentido... pelos Sentidos... para o Sentido – sentidos de pessoas com deficiências sensoriais*. Niterói: Intertexto, 2002.

_____. Comunicação com crianças surdocegas. In: CONGRESSO IBERO LATINO AMERICANO DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AUMENTATIVA, 2. Viña del Mar-Chile, 1995. [Anais...]. 1995.

AMARAL, J. P. Descobrir novas formas de comunicação e de acesso ao mundo: ser surdocego numa sociedade que desconhece o que é a surdocegueira. In: MASINI, E. F. S. (Org.). *Do Sentido... pelos Sentidos... para o Sentido – sentidos de pessoas com deficiências sensoriais*. Niterói: Intertexto, 2002.

ARIAS, M. H. R. *Perfil clínico social do indivíduo surdocego*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina, Pediatria, Universidade de Campinas, 2004.

BARROS SILVA, A. M. Adefav – Associação para Deficientes da Audiovisão. In: MASINI, E. F. S. (Org.). *Do Sentido... pelos Sentidos... para o Sentido – sentidos de pessoas com deficiências sensoriais*. Niterói: Intertexto, 2002.

BOVE, M. *Formação de educadores de pessoas com deficiências sensoriais e múltiplas*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie – Campus Itambé, 2000. Apostila da palestra realizada no Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial de São Paulo. *Educação infantil 4. Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla*. 2. ed. rev. Brasília, 2003.

CADER-NASCIMENTO, F. A. A.; COSTA, M. P. R. Surdocegueira na perspectiva de alunos da graduação e pós-graduação. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; TANAKA, E. D. O. (Org.). *Educação especial: políticas públicas e concepções sobre deficiência*. Londrina: Eduel, 2003.

_____. *Descobrir a surdocegueira: educação e comunicação*. São Carlos: Edufscar, 2005.

CAMACHO, E. H. *Necesidades que perciben los educadores para atender a la población con surdoceguera ubicada en aulas especiales*. Costa Rica: Universidad de Costa Rica, 2002. (Palestra realizada no Mestrado Estudios Interdisciplinarios in Discapacidad con énfasis in Discapacid Múltipla y Sordoceguera).

CORMERDI, M. A. *Referências de currículo na elaboração de programas educacionais individualizados para surdocegos congênitos e múltiplos deficientes*. Dissertação (Mestrado) – Programa em Distúrbios de Desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005.

DEAFBLIND INTERNACIONAL. Liasison Group. 2002. *La sordoceguera definicion*. Disponível em: <<http://www.asocide.org/solotexto/sordoceguera/classificacion.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2005.

ERIKSON, L. A importância de interpretes para pessoas surdocegas. In: MASINI, E. F. S. (Org.). *Do Sentido... pelos Sentidos... para o Sentido – sentidos de pessoas com deficiências sensoriais*. Niterói: Intertexto, 2002.

GRUPO BRASIL de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial. *Capacitação de profissionais para atendimento de pessoas surdocegas*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003 (Apostila do Grupo Brasil para o curso de capacitação).

KELLER, H. *A história de minha vida*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1939. Título original: *The Story of My Life*.

LAGATI, S. "Deaf-Blind" or DEAFBLIND – International Perspectives on Terminology – *Journal of Visual Impairment & Blindness*, May-June 1995. p. 306. Tradução Laura Lebre Ancilotto – Projeto Ahimsa/Hilton Perkins, 2002.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. *Pesquisa em Educação*. Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MCCINNES, J.; TREFFY, J. *Guia para o desenvolvimento da criança surdocega*. São Paulo: Projeto AHIMSA/Hilton Perkins, 1995. (Texto traduzido do Espanhol para o Português por Dalva Rosa).

McLETCHIE, B.; RIGGIO, M. Competência para alunos com surdocegueira. In: MASINI, E. F. S. (Org.). *Do Sentido... pelos Sentidos... para o Sentido – sentidos de pessoas com deficiências sensoriais*. Niterói: Intertexto, 2002.

MAIA, S. R. *A educação do surdocego – Diretrizes Básicas para pessoas não especializadas*. Dissertação (Mestrado) – Programa em Distúrbios do Desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2004.

_____. Os caminhos de uma instituição na área da surdocegueira. In: MASINI, E. F. S. (Org.). *Do Sentido... pelos Sentidos... para o Sentido – sentidos de pessoas com deficiências sensoriais*. Niterói: Intertexto, 2002.

MASINI, E. F. S. A educação de pessoas com deficiências sensoriais: algumas considerações. In: MASINI, E. F. S. (Org.). *Do Sentido... pelos Sentidos... para o Sentido – sentidos de pessoas com deficiências sensoriais*. Niterói: Intertexto, 2002.

_____. A experiência perceptiva é o solo do conhecimento de pessoas com e sem deficiências sensoriais. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 1, 2003. Disponível em: <www.scielo.br/>. Acessado em: 3 out. 2005.

_____. *Surdocegueira: últimos avanços no atendimento educacional-formação de educadores*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2. [Anais...]. São Carlos: UFSCAR, 2005.

MILES, B.; RIGGIO, M. et. al. *Remarkable Conversation – A guide to developing meaningful communication with children and young adults who are deafblind*. Watertown: Perkins School for the Blind, 1999. Tradução Laura Lebre Ancilotto - Projeto Ahimsa/Hilton Perkins, 2002.

MCCINNES, J.; TREFFY, J. A. *Guia para o desenvolvimento emocional e social*. Texto traduzido do espanhol *Guia para el desarrollo del niño sordociego* –1983, tradutora do espanhol Graciela Ferioli –1992, tradutor pra o português – Dalva Rosa – Projeto Ahimsa/Hilton Perkins –1995.

MOURA, M. C. Compreendendo a surdez: um caminho. In: MASINI, E. F. S. (Org.). *Do Sentido... pelos Sentidos... para o Sentido – sentidos de pessoas com deficiências sensoriais*. Niterói: Intertexto, 2002.

_____. *O Surdo, caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

MUNROE, S. Manifestações tardias da rubéola. In: FÓRUM INTERNACIONAL SAÚDE E EDUCAÇÃO NAS ÁREA DA SURDOCEGUEIRA E DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA, 1. 2004. Promovido pelo Grupo Brasil de surdocegueira. São Paulo, 21 e 22/11/2004.

SERPA, X. *Manual para pais e professores "Ensino a criança surdocega"*. São Paulo: Sense Internacional Latinoamérica, 2002. Tradução Grupo Brasil de Apoio ao Surdocego e ao Múltiplo Deficiente Sensorial, 2003.

SILVA, M. F. Meu contato com o mundo através das mãos. In: MASINI, E. F. S. (Org.). *Do Sentido... pelos Sentidos... para o Sentido – sentidos de pessoas com deficiências sensoriais*. Niterói: Intertexto, 2002.

Elcie F. Salzano Masini, livre-docente pela Universidade de São Paulo (USP), na área de Educação Especial, e doutora em Psicologia (área Educação) pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), é professora associada da Universidade de São Paulo (USP) e professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

elcie@mackenzie.com.br

Célia Maria Teodoro, mestranda do Programa distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, é professora de Educação Física da Escola Estadual Maria Elena Colônia.

celinhamt@ig.com.br

Lucélia Fagundes Fernandes Noronha, mestranda do Programa Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, é coordenadora pedagógica da Associação Morumbi de Assistência ao excepcional (Amae).

lucelianoronha@bol.com.br

Rosana Bastos Ferraz, mestranda do Programa Distúrbios do Desenvolvimento da Universidade Presbiteriana Mackenzie, é supervisora de ensino da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (Diretoria de Ensino da região de Bragança Paulista)

acquaex@ig.com.br

Recebido em 5 de fevereiro de 2007.

Aprovado em 12 de julho de 2007.

Anexo

Freqüência das respostas e levantamento dos elementos essenciais das respostas

Quadro 2 – Você ouviu falar de Helen Keller?

Resposta	Sim	Não
Freqüência	2	2

Quadro 3 – O que ouviu falar sobre Helen Keller?

Rita	Foi uma enfermeira. Talvez tenha trabalhado com a definição de alguma doença.
Paula	Foi prisioneira judia. É uma teórica, acho que da área de psicologia. Não sei sobre a teoria dela. Não é minha área.
Carla	Era muda-surda e cega. Não era isso? Parece que é isso, ela tinha todos os distúrbios. Não é?
Maria	Não domino esse conhecimento.

Quadro 4 – Qual a característica mais marcante de Helen Keller?

Rita	Não sei.
Paula	Não sei.
Carla	Não lembro. Tinha 3 dificuldades, mas não sei qual.
Maria	Parece que não enxergava e não ouvia. Não tenho certeza. Não enxergava, não falava, podia desenvolver sua inteligência, era dotada de inteligência, capaz de se expressar.

Quadro 5 – Você já ouviu falar de Anne Sullivan?

Resposta	Sim	Não
Freqüência	1	3

Quadro 6 – O que ouviu falar de Anne Sullivan?

Rita	Nome familiar, mas não sei quem é.
Paula	Já ouvi falar, mas também não é o meu domínio.
Carla	Acho que não, não me lembro.
Maria	Lembro pelo filme que assisti que era educadora e que ajudou uma criança com dificuldades a superá-la. Nunca estudei com profundidade.

Quadro 7 – Você já ouviu falar de surdocegueira?

Resposta	Sim	Não
Freqüência	2	2

Quadro 8 – O que você ouviu falar sobre surdocegueira?

Rita	Não sou especialista nesta área. São distúrbios do desenvolvimento e uma deficiência auditiva e uma visual.
Paula	Sim tem deficiência e é surdo e cego. Deve ser alguma síndrome, mas, não é da minha área. Não lido com distúrbios. Lido com ensino aprendizagem, mas não com pessoas que têm deficiência, que requeiram aparatos extras para ensino-aprendizagem.
Carla	Esse termo especificamente não.
Maria	Surdocegueira. Pessoas que não ouvem? Já ouvi falar. Neste termo não. É uma pessoa surda que não ouve e cega.

Quadro 9 – Como você acha que a pessoa surdocega se relaciona com o mundo ao seu redor?

Rita	Deve ser complicado. Imagino que o surdo tenha um contato muito visual. Mas o surdocego deve desenvolver outras aptidões e ser apta em outros sentidos, talvez. Mais sensível a cheiro ou se guiar por outros parâmetros que não são o que a gente normalmente usa.
Paula	Utilizando outros sentidos.
Carla	Helen Keller! A pessoa surda geralmente é muda, pela dificuldade de captar o som. Eu sou leiga e imagino isso. Cega não pode fazer a linguagem de sinais ou qualquer outra possibilidade de comunicação. Não conheço o termo. Acho que é uma pessoa cega e surda ao mesmo tempo.
Maria	Através de todas as outras possibilidades. Uma pessoa não é só visão ou audição, ela tem todo um contato com o outro, pelas mãos dos outros, eu acho. O tato, o sentido térmico, uma série de possibilidades que tem que se comunicar. Quando a gente perde uma possibilidade as outras podem ser trabalhadas.